

# Plantas e cura é tese de mestrado

**Viviane Bevilacqua**  
FLORIANÓPOLIS

“Quando um parente morre, a gente fica sonolento. Para ficar bom, precisa pegar um galhinho de alfavaca, socar bem, ferver e depois tomar banho com a água.” Esta é uma das milhares de “receitas” prescritas pelos curandeiros Kaingang aos moradores da Reserva Xapecó, localizada entre os municípios de Marema e Ipuacu, no Oeste catarinense. O uso das plantas por esta tribo indígena é o tema da tese de mestrado em Antropologia da UFSC defendida esta semana pelo biólogo Moacir Haverroth, que durante seis meses conviveu com os Kaingang dentro da reserva, participando de seus rituais de cura a partir dos recursos vegetais disponíveis na região. Nesse período, o pesquisador constatou que os habitantes desta área específica utilizam mais de 200 espécies vegetais - em chás, infusões, emplastos e cozimentos - para o tratamento de inúmeras moléstias, incluindo aqui as doenças espirituais e emocionais, como a “sonolência” causada pela morte de um parente.

Moacir Haverroth iniciou seu trabalho de campo no final de 1994, depois de já ter visitado a reserva duas vezes. “Sempre que chega alguém de fora os índios ficam bastante desconfiados”, diz. Por isso, a aproximação foi gradativa. Visitou o local no início de 1994 e depois, juntamente com outra pesquisadora do Departamento de Antropologia da UFSC que já trabalhava com os índios, assistiu a um ritual de culto aos mortos. Nos seis meses em que “morou” na Reserva Xapecó, alojado na enfermaria do posto de saúde, tornou-se amigo dos Kaingang, recebendo inclusive seu nome indígena: Ko-tanh, que é também o nome de uma planta utilizada por eles. “Esse ato foi uma demonstração de que me aceitavam lá. Quando eu chegava na reserva, eles diziam: ‘Lá vem o nosso fog’”, que quer dizer “homem branco”. Geralmente o nome indígena é dado aos “estrangeiros” pelas pessoas

mais velhas das aldeias e, portanto, mais importantes. No caso do biólogo, os responsáveis pelo seu batismo Kaingang foram os membros de uma família considerada das mais tradicionais, de grande respeito entre os índios.

**KUJÀ** - Os responsáveis pelo tratamento dos doentes entre os Kaingang chamam-se Kujà (pronuncia-se cuiã), que corresponderiam aos pajés dos índios Guarani. Na Reserva Xapecó há pelo menos quatro Kujà. Além deles, existem vários curandeiros (homens e mulheres), que também dão consultas aos habitantes e prescrevem medicamentos baseados na fauna da região. Segundo Moacir, uma diferença entre os Kujà e os curandeiros - além da hierarquia - é o fato de os primeiros terem como guia espiritual um animal, o que lhes dá o poder da cura. Já os guias espirituais dos curandeiros são seres humanos. Nas suas casas há sempre uma mesa (tipo de altar) com diversas imagens de santas ou de João Maria (monge do Contestado). Os curandeiros “incorporam” espíritos, fazem rezas e benzeduras. “Isso mostra o sincretismo religioso deste povo. É uma mistura de sua própria cultura com rituais da igreja católica, do candomblé e da doutrina espírita”, ressalta o pesquisador.

Todos os Kujà e curandeiros utilizam as plantas nativas e introduzidas (oriundas de outras regiões e países) como remédio para as mais diferentes enfermidades. Entretanto, a indicação, o modo de prepará-lo e suas finalidades variam de acordo com as crenças de cada curandeiro. Em geral, utilizam uma mistura de três, seis, nove e até 50 diferentes plantas, dependendo da doença. “É preciso esclarecer que o conceito de doença entre os índios nem sempre é o mesmo do homem branco”, lembra Moacir. “Muitas vezes o que para um médico não se caracteriza como doença, para o Kaingang é. E como ele não acha cura na medicina alopática, procura um curandeiro, e geralmente fica satisfeito com o resultado”, afirma.



CARLOS KILLIAN/DC/Florianópolis

**IN LOCO:** Moacir Haverroth conviveu com os Kaingang